

( COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA )

Director, Proprietário e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*  
Composto e impresso na União Gráfica, 150, Rua de Santa Marta, 152 - Lisboa

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*  
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

## NA LOURDES PORTUGUESA

# À Grande Peregrinação de Setembro

Fátima-espectáculo assombroso para os ímpios, para os justos e para os anjos

« Ó Virgem Santa, Senhora de Lourdes, de Fátima e do Sameiro! Em Lourdes appareis-nos como a escrava do Senhor, no Sameiro estais coroada de Rainha, em Fátima cobre-vos o manto de Mãe carinhosa.»

Palavras do Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor D. Manuel Vieira de Matos illustre e venerando Arcebispo de Braga e Primás das Hespanhas, na sua alocução na igreja do Rosário em Lourdes à peregrinação portuguesa a Roma neste ano jubilar.

**Na véspera á noite — A procissão das vélas — Peregrinações do norte, centro e sul do País — Os jovens levitas de Beja — Confiança no poder e na bondade da Rainha do Céu.**

E' o dia doze de Setembro, à hora suavemente melancólica do crepúsculo vespertino. O sol poente, depois de ter dourado com a sua poalha de ouro finíssimo os montes mais altos da serra de Aire, fôra esconder-se a oitenta quilómetros de distância no seio das águas do oceano.

Pouco a pouco, as estrelas acendem-se no firmamento e uma ténue e doce claridade envolve tôdas as coisas.

Na Cova da Iria e nas estradas que a ela conduzem move-se incessantemente um longo e interminável formigueiro humano.

Aproxima-se o momento suspirado desse espectáculo extraordinariamente belo e profundamente emocionante que é o enlevo de todos quantos teem a ventura de o presenciarem: a procissão das vélas em homenagem à Virgem. Milhares de fiéis acorrem ao local das aparições, uns isolados, outros em grupo, todos com vélas na mão, e vão-se juntando em frente da capela das missas, para dar principio ao luminoso cortejo nocturno. Na ausência do rev. do dr. Manuel Marques dos Santos, illustre Professor do Seminário de Leiria e Capelão-director da Associação dos Servos de Nossa Senhora do Rosário, que partiu para Roma como membro da peregrinação nacional do ano jubilar à Cidade eterna, presidiu aos serviços religiosos o rev. Manuel Pereira da Silva, o infatigável «secretário de Nossa Senhora», como justamente lhe chama a voz do povo que a sabedoria das nações diz ser de Deus.

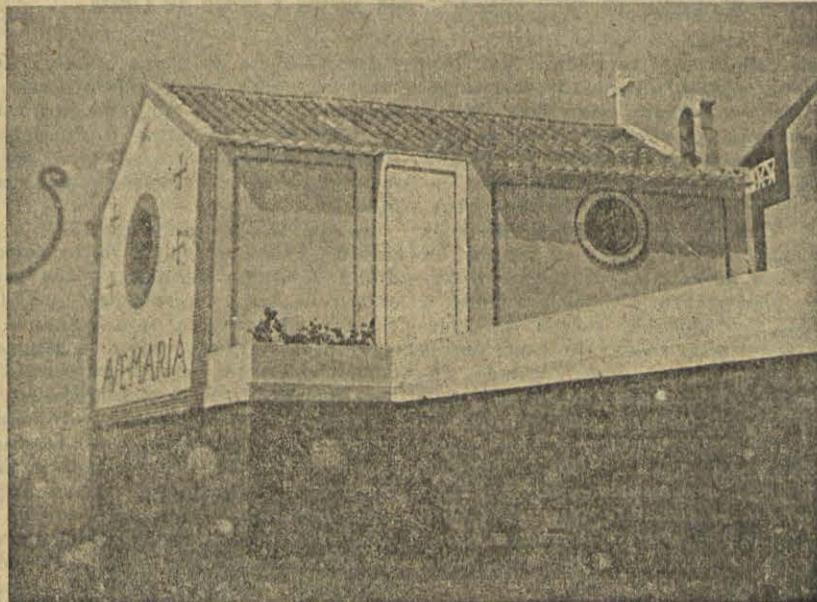
Após a recitação do terço do Rosário, em honra da gloriosa Senhora Aparecida, aquela imponente massa humana deslocase, põe-se em movimento e inicia a sua marcha, solene e majestosa, subindo a grande avenida, em direcção ao pórtico principal.

Lâmpadas eléctricas espalhadas com

profusão por todo o recinto sagrado iluminam-no por completo, sem contudo prejudicarem, graças à sobriedade da luz discretamente distribuída, o efeito maravilhoso da procissão das vélas. Os megafónios funcionam magnificamente, contri-

buindo em larga escala para a boa ordem e gravidade com que decorre o feérico e colossal cortejo.

Numerosas peregrinações chegaram nesse dia à tarde no intuito de se incorporarem na procissão e assistir à adoração no-



Capela de Nossa Senhora do Rosário da Fátima em S. Pedro de Moel  
(Na propriedade do sr. dr. Afonso Lopes Vieira, servita do Santuário de Fátima)

Bem dita seja nos Céus e na Terra  
Santa Maria, que, p'ra nos salvar,  
Falou em Fátima aos zagais da serra  
e a Quem ora reza e canta o mar.

Bem dita seja pela nova chama  
que arde nas almas, já livres do mal;  
bem dita pela pátria que Ela ama  
e pelo amor que lhe tem Portugal.

Oh Formosa, oh Piedosa, oh Mãe, oh  
Estrela,

Senhora nossa, alta e divina flor:  
seja por Ti cada alma pura e bela,  
Avé, Maria, em teu Divino Amor!

Afonso Lopes Vieira

cturna. São, entre outras, as de Baltar (Paredes) presidida pelo rev. do dr. Joaquim Nogueira Dias, Font'Arcada (Paredes), pelo rev. do Adriano Marques Correia, Lagares (Penafiel), pelo rev. do dr. Henrique Alves da Rocha, S. Paio da Portela (Penafiel), pelo rev. do Alexandre de Sousa Estevam, Lourical (Coimbra), pelo rev. do António Carreira Bonifácio, Vila de Rei, pelo rev. do Rafael Jacinto, Mata Mourisca, pelo rev. do Joaquim Duarte Alexandre, Serra de Tomar, pelo rev. do José Dias Rodrigues, Marrazes, pelo rev. do José de Seica, Atougua da Baleia, pelo rev. do Vicente Rafael Gameiro, Setubal, pelos rev. dos dr. Cândido de Melo, pároco de S. Julião, e Joaquim António Fortuna, capelão da Ordem Terceira do Carmo, Nadadouro (Serra do Bouro), pelo rev. do José Henriques Veríssimo e Ceissa, pelo rev. do Manuel Alves Guerreiro, que teve a feliz ideia de conduzir a Fátima a população piedosa da sua vasta freguesia após uma missão frutuossíssima.

As que reuniam maior número de peregrinos eram as de Ceissa e Lourical, cada uma delas com quatrocentos, e as de Setubal, Vila de Rei e Mata Mourisca, cada uma com duzentos. Quasi tôdas as peregrinações traziam os seus estandartes, muitos deles ricos, lindos e vistosos.

Na procissão também tomaram parte cerca de quarenta alunos do Seminário de Beja que estão passando as férias do Verão no Convento de Cristo, em Tomar, a gentil princesa do Nabão e uma das mais formosas cidades de Portugal. Seminaristas-escuteiros, estes jovens levitas, que são a pupila dos olhos do grande Prelado-Apóstolo da Diocese Pacense, que neles tem postas as mais fagueiras esperanças de renascimento da sua vida cristã, puzeram uma nota extremamente simpática no esplêndido cortejo, destacando-se pela sua compostura, gravidade e fervor de devoção.

Algumas senhoras de elevada categoria social, no cumprimento de promessas feitas talvez em horas de incomportável amargura, percorrem o itinerário da pro-

eissão, pisando com os pés descalços o terreno duro e pedregoso da charneca.

Uma pobre mulher, de meia-idade, privada das mãos, leva ao colo um filhinho de ano e meio que, sendo cego e de nascença e estando desenganado dos médicos, veio a Fátima quatro vezes, obtendo de cada vez consideráveis melhoras, que nenhum tratamento fora capaz de lhe proporcionar. Casada e com mais oito filhos, esta mãe piedosa não hesita em fazer uma viagem de cerca de trinta léguas para implorar aos pés da Virgem, Socorro dos aflitos e Mãe de misericórdia, a cura completa do filho estremecido. A sua confiança no poder e na bondade da Rainha do Céu, é inabalável e ilimitada, e ela manifesta-a comovidamente com palavras e com lágrimas, que são ao mesmo tempo de mágoa e dôr, de alegria e reconhecimento.

Felizes os que creem! Mimosos os que confiam!

**A adoração nocturna — Os turnos de adoração — A meditação dos mistérios do Rosário — Desagravo e reparação a Jesus Hóstia — A devoção dos peregrinos.**

A meia-noite oficial, pouco mais ou menos, terminada a procissão das velas pelo canto do *Credo* em frente do Pavilhão dos doentes, principia a cerimónia da adoração nocturna, sempre tão solene e tão tocante, como em nenhuma outra parte, naquele logar bemdito.

O rev. do João Nunes Ferreira, pároco da freguesia de S. Pedro de Torrões Novas e assistente eclesiástico do grupo de servitas daquela vila, admirável figura de padre, como há pouco justamente lhe chamava um grande diário de Lisboa, organiza e dirige os turnos de adoração. A primeira hora é destinada, como sempre, à reparação nacional.

Entram neste primeiro turno de adoração, da meia-noite à uma hora, as peregrinações de Ceissa, Lourical, Vila de Rei e Mata Mourisca, no segundo, da uma às duas, as de Baltar, Font'Arcada, Lagares e S. Paio da Portela, no terceiro, das duas às três, a de Setubal, no quarto, das três às quatro, as da Atouguia da Baleia e Serra de Tomar e, finalmente, no quinto e último, das quatro às cinco, as de Beja e Marrazes.

Nessas cinco horas de adoração, presididas pelos chefes das respectivas peregrinações, rezou-se o terço do Rosário e fizeram-se actos fervorosos de reparação ao Divino Rei de amor, oculto na Hóstia Santa. Nessa velada encantadora, milhares de almas prostradas diante de Jesus, exposto num trono adornado de luzes e flores, imploram da Misericórdia divina o perdão das culpas individuais e das iniquidades colectivas e uma chuva copiosa de bênçãos para o nosso querido Portugal.

Fátima, nessas noites inolvidáveis, em que o escol piedoso da terra de Santa Maria ergue as mãos e os corações para o Céu, em súplicas veementes, impulsionadas por uma Fé viva e por um amor ardente, parece, mais que nunca, um gigantesco e poderoso pára-raios, que se alteia por cima das cabeças de seis milhões de portugueses para desviar os raios da justiça divina ofendida por tantas infidelidades e ingratiões e atrair sobre eles torrentes de graça e misericórdia.

Um côro de muitos milhares de vozes, umas inocentes, outras contritas, faz doce violência ao Coração do Senhor, quando, num brado unísono, rompe nesta fervorosa exclamação: «O' Jesus, por amor de vossa augusta Mãe, salvai-nos e salvai Portugal!»

**As confissões dos homens na Penitenciaría — Missas e Comunhões — Os servos e as servas de Nossa Senhora do Rosário — Os médicos e os doentes — Uma visita ao Sanatório-Hospital.**

Na tarde do dia doze e durante toda a noite do dia doze para o dia treze, numerosos sacerdotes ouviam de confissão os homens, rapazes e meninos que se aproximavam do sagrado tribunal da Penitenciaría. A vasta nave da linda e graciosa igreja da Penitenciaría, recentemente construída, regorgitava de penitentes que aguardavam, em longas filas junto dos confessionários, a sua vez de serem atendidos.

Que abnegação e espírito de sacrificio em tantos e tantos ministros do Senhor, que, vindos de longes terras, exaustos de cansaço e cheios de sono, ali se conserva-

vam, horas a fio, curando todas as chagas das almas com o bálsamo da misericórdia e do perdão! E que histórias dolorosas e tocantes não se terão muitas vezes desenrolado aos seus ouvidos, selados para sempre com o sigilo sacramental, sagrado e inviolável!

Decorria a adoração nocturna, comovente e empolgante, com as suas preces e os seus cânticos, com os seus terços e as suas instruções e práticas, com os seus actos de reparação e desagravo, e já começavam a celebrar-se as primeiras missas.

Além das missas privativas das diversas peregrinações, revestiram um cunho de maior solenidade as que foram expressamente para os servitas e para os seminaristas-escuteiros de Beja. Como sempre, as comunhões atingiram uma enorme cifra, tendo sido administrado o Pão dos Anjos por vários sacerdotes durante todo o dia, desde o romper da manhã até depois da procissão de despedida.

Os servos e as servas de Nossa Senhora do Rosário, sempre dedicados e incansáveis no exercício das suas nobres e delicadas funções, constituem, nas diferentes modalidades da sua acção, um formosíssimo exemplo de caridade inteligente e discreta que se impõe ao respeito e admiração de todos, crentes e descrentes.

Alguns dos médicos presentes prestam os seus serviços no Posto das verificações médicas, instalado desde Maio último na sua nova sede, uma das salas do grandioso e monumental edificio que é o Albergue de Nossa Senhora do Rosário. Uns ainda no vigor da mocidade, outros já adiantados nos anos, todos rivalizam em zelo e solicitude no registo

rodeiam, e convida-os a irem visitar no Hospital-Sanatório, a grande doente da sua peregrinação.

Numa sala, onde se encontram enfermos trazidos pelas diversas peregrinações, para implorar em seu favor a compaixão da Rainha do Céu, vê-se, deitada de costas num leito alto uma pobre mulher de nome Júlia da Silva, solteira, de 44 anos de idade, que sofre há sete anos duma ptose gástrica e úlcera no estômago. O seu estado denota uma extrema fraqueza. Devido a tão grave enfermidade, encontra-se de cama há três meses, impossibilitada de fazer quaisquer movimentos e padecendo muito. Resignada à vontade de Deus, confia na bondade da Santíssima Virgem e espera da sua intercessão maternal a cura dos males gravíssimos que lhe torturam o organismo sêco e mirrado. No Posto das verificações médicas, Júlia da Silva apresentou o atestado da sua doença, passado pelo seu médico assistente, dr. Fernando Alves da Rocha.

**Um grupo de peregrinos espanhóis — Uma mãe reconhecida — No Pavilhão dos doentes — Uma jovem titular enferma — As orações pelos (que sofrem).**

São onze horas da manhã. Por entre a multidão passa um grupo de peregrinos, que as características do traje denunciam como estrangeiros. São peregrinos espanhóis procedentes de Pontevedra. Com eles vem um pobre ceguinho, acompanhado por uma religiosa, revestida dos seus hábitos, que lhe serve de guia segura e inseparável e lhe presta os cuidados de enfermeira solícita e dedicada.



Volta da imagem de Nossa Senhora de Fátima para a capela das Aparições. A' frente os snrs. Patriarca das Índias e Bispo de Leiria.

dos enfermos e no tratamento dos males de que sofrem, quando os seus serviços clínicos se tornam indispensáveis.

De véspera, às primeiras horas da noite, aguardava-se ansiosamente a chegada do eminente médico oftalmologista da capital, o dr. Eurico Fernandes Lisboa, que em Fátima, com prejuizo das suas comodidades e das justas exigências da sua piedade de católico praticante e fervoroso, põe sempre e exclusivamente à disposição dos doentes pobres os recursos do seu muito saber, de experiências feitas, e da sua inexcedível caridade. Infelizmente, com grande desgosto de muitas dezenas de doentes dos olhos, que esperavam benéficos efeitos da sua generosa intervenção, o ilustre especialista e exemplaríssimo chefe de família cristã não pôde comparecer, por motivo de força maior, que surgiu à última hora e o inibiu de fazer a peregrinação projectada.

O Pavilhão dos doentes está quasi completamente cheio. Todos eles ostentam ao peito, dum modo bem visível, a senha respectiva, devidamente numerada, que lhes é distribuída no Posto das verificações médicas, no momento da sua inscrição.

Próximo da capela das Aparições, ao mesmo tempo que bastantes pessoas de ambos os sexos cumprem promessas, dando várias voltas à capela, de joelhos, um respeitável sacerdote, acompanhado por um seminarista, benze com um simples sinal da cruz os objectos religiosos que os fiéis, numa sucessão que parece interminável, lhe vão apresentando para esse fim. E' o pároco de S. Paio de Portela (Penafiel), rev. Alexandre de Souza Estêvam. Num dado momento, volta-se para alguns dos seus peregrinos, que o

fundamente consolador o dessa mãe cristã e piedosa, cheia duma confiança inabalável no poder e na bondade da Virgem bendita, que é a Consoladora dos aflitos e a Saúde dos enfermos!

No Pavilhão dos doentes não se encontra um lugar vago em nenhuma bancada. Os servos de Nossa Senhora do Rosário ocupam-se desveladamente no transporte dos paralíticos e dos enfermos cujo estado é mais grave ou cuja fraqueza extrema lhes impossibilita ou dificulta a marcha. Por sua vez as servas de Nossa Senhora, não menos solícitas e dedicadas, prestam sem cessar, no recinto do Pavilhão, os serviços e cuidados exigidos pela caridade para com os que sofrem. Entre os doentes destaca-se uma jovem titular portuguesa — vinte anos angélicos e resignados, emurhecidos para a terra, mas florindo e frutificando em perfumes de virtudes acrisoladas e de méritos preciosíssimos para o Céu — a qual, acompanhada pela mãe, uma nobilíssima e veneranda senhora, e por uma santa religiosa, veio do estrangeiro, onde reside habitualmente, afim de suplicar à Virgem Santíssima no seu santuário predilecto a cura duma paralisia infantil de que sofre desde os treze anos de idade e sobretudo as bênçãos espirituais mais preciosas e mais escolhidas do seu Coração maternal. Os doentes oram com fervor. Em volta do Pavilhão, a grande multidão dos fiéis — milhares de peregrinos de ambos os sexos, de todas as procedências, de todas as idades, de todas as condições sociais, juntam as suas preces às dos enfermos para fazer doce violência ao Coração de Deus, cheio de compaixão pelas nossas misérias. Sublime e consolador espectáculo de Fé viva e de piedade ardente que assombra e edifica, que entenece e encanta tanto os crentes como os incrédulos e os indiferentes que têm a ventura infável de o contemplar.

**A procissão da Virgem — A missa dos doentes e a bênção do Santíssimo — O sermão oficial e a procissão da despedida — As curas extraordinárias — A gratidão de duas meninas alentejanas.**

E' quasi meio dia solar. Junto do padrão comemorativo das aparições nota-se um movimento desusado. E' que se está organizando o cortejo para conduzir à capela das missas a Imagem de Nossa Senhora do Rosário. Aquela mole imensa de povo põe-se em marcha. Por cima de milhares de cabeças ergue-se a branca e linda estátua da Virgem, colocada sobre um andor, que quatro servitas levam aos hombros. Soam vivas e aclamações. A gloriosa Padroeira de Portugal é saudada com o acenar de milhares de lenços, numa manifestação encantadora de amor filial. Justamente no momento em que a Imagem de N. Senhora dá entrada no Pavilhão dos doentes Júlia da Silva, a grande doentinha da peregrinação de S. Paio de Portela (Penafiel), de que acima se falou e que estava paraltica e sofria duma ptose gástrica e úlcera no estômago, levanta-se da maca em que jazia, prostrando-se de joelhos em fervorosa oração e agradecendo à Virgem a cura extraordinária que nela se operou por sua intercessão e que os demais peregrinos presenciaram com admiração e assombro.

Cantado o *Credo* de Lourdes, celebra-se a missa dos doentes na capela-mór do Pavilhão, durante a qual se resa o terço e se contam alguns motetes apropriados. Segue-se a bênção dos doentes, sempre bela, sempre comovente, sempre empolgante, tendo feito as invocações do costume o rev. Manuel do Carmo Goes, pároco da freguesia da Barreira (Leiria), que com a sua voz forte, bem timbrada e impregnada de piedade e unção tornou ainda mais intensa a comoção, fazendo vibrar as almas até às suas fibras mais íntimas. Prêgou o sermão oficial o prior do Lourical diocese de Coimbra, rev. do António Carreira Bonifácio, que versou o seguinte tema: «Fátima é um espectáculo para os ímpios, para os justos e para os Anjos». Após o sermão, efectuou-se a terna e comovente procissão de despedida, que reconduziu a Imagem da Virgem para a capela das Aparições.

Terminada a procissão, uma família de Vaimonte (Alentejo), cheia de reconhecimento, vai depôr, como ex-voto aos pés da branca Senhora de Fátima, Mãe querida dos portugueses, o retrato de duas meninas irmãs, Margarida de Lour-

Exemplo altamente edificante e pro-

des Ramalho Pires, de 10 anos, e Mariana Rita Ramalho Pires, de 8 anos, por as ter salvo duma doença que ambas tiveram ao mesmo tempo com grande perigo das suas vidas. Gratíssimas à misericordiosa Rainha dos Anjos, professam-se suas humildes servas, beijam-lhe enternecidamente os pés virginaes e suplicam-lhe com todo o fervor das suas almas piedosas que se digne interceder por elas, pela sua família e por todos os portugueses.

Pouco a pouco, a multidão dispersa-se. Os peregrinos apressam-se a regressar aos seus lares distantes, renovando em sentido contrário uma viagem longa e fatigante. Correm rumores de mais curas extraordinárias.

Se estes boatos se confirmarem, os relatos das curas serão oportunamente publicados na secção respectiva.

As sombras da noite descem sobre a Cova da Iria. Nesta estância incomparável e única de Portugal ou, antes, neste lindo cantinho do Céu, hoje conhecido e amado no mundo inteiro, passou mais um dia de glória para Deus, de honra e triunfo para a Virgem de graças e bênçãos, de alegrias intensas e de suas-vísimas emoções para tantas almas.

Bem dita seja a excelsa Rainha do Santíssimo Rosário, que em Fátima se dignou aparecer coberta com o manto de Mãe carinhosa, para abrigar nas dobras desse manto protector, asilo seguro para todos os arrependimentos e para todos os infortúnios, os seus filhos queridos de Portugal!

Vicente de Montelo

## AS CURAS DE FÁTIMA

P.e Domingos José dos Reis, Pároco de Valega (Ovar), em carta de 21 de agosto, dirigida ao Ex.mo e Rev.mo Sr. Bispo de Leiria, informa o seguinte:

«Venho beijar o anel de V. Ex.cia. Rev.ma, e participar que na nossa peregrinação a Fátima (13 de agosto) recebemos favores extraordinários de Nossa Senhora: Uma rapariga d'Avanca, Maria dos Anjos Nanes Pereira, que, ha anos, conheço com sofrimento contínuo, que causava dó, do 12 para 13, no hospital, foi atacada duma cólica, que inspirou ao médico perigo de morte; depois das invocações volto ao hospital, e ela, contentíssima, dirige-se a mim dizendo que está sã, manifestando apenas uns leves sinais daqueles movimentos; e no dia 19 vem dizer-me que os médicos, que tratavam della lhe deram os parabens.

Felicidade da Silva Nunes, casada, desta freguesia de Valega, sofria horríveis dores no ventre, tendo sido aconselhada a uma operação, arriscada, na volta de Fátima, a alturas do Pombal, repentinamente desaparecem-lhe as dores.

No dia 19 diz-me que não voltaram, e apenas sente alguma inflamação no útero.

Ana Marques Guerra, também desta freguesia, foi levada daqui em carro para a estação, pois, ha anos, está parálitica duma perna, ao voltar de Fátima, em camionete, para o comboio, sente-se consideravelmente melhor; tanto que, quando a criada estava a sair de casa com o carro para a ir buscar à estação, ella chega a pé, esperçada que Nossa Senhora há de acabar de a curar.

Um rapaz, vindo, há um ano, do Brasil, com carta de tuberculoso, apesar dos incómodos de viagem, diz que se acha melhor. Está à espera do que o médico lhe diz.

Oxalá que estes enfermos fiquem radicalmente curados para honra e louvor à Virgem, e aumento da nossa fé e piedade».

Maria Clementina Abreu, da Figueira da Foz em 20 de Agosto 1929 diz:

«Ex.mo Sr. Director:

Venho, hoje, cheia de contentamento tornar públicas umas graças que obtive por intercessão de Nossa Senhora de Fátima.

O meu marido, há cerca de 5 meses, vinha sofrendo duma pertinaz gastralgia, com dores continuas e insuportáveis; consultou muitas sumidades médicas e nunca pôde conseguir mais que uns ligeiros alívios.

Alguns especialistas propozeram, por ultimo, que era urgente fazer uma melindrosa operação pois que a doença do estomago era gravíssima e não se podia combater por outra forma.

Não quis porém o meu marido sujeitar-se á operação e por isso as dores continuaram cada vez a acentuarem-se com mais intensidade.

Vendo-me assim tão aflita recorri com muita fé à protecção da Rainha dos Céus e da Terra, pedindo-lhe as melhoras do meu querido doente, prometi, pois a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, publicar no jornal «A Voz da Fátima» a cura se a conseguisse e bem assim a realização de novenas, missa e uma esmola em harmonia com as minhas posses.

Comecei depois a dar-lhe a beber algumas porções da água milagrosa da Cova da Iria e passados poucos dias as melhoras produziram-se desaparecendo por completo as dores horríveis do meu marido.

Em vista de Nossa Senhora ter despachado as minhas supplicas como sempre faz, áqueles que a invocam com entranhada devoção, só me resta dar cumprimento á promessa e agradecer à Mãe do Céu a sua santíssima protecção».

António Francisco do Outeiro, de Vila Seca (Barcelos) escreve:

«Sofrendo desde há muitos anos dum horrível incómodo intestinal e tendo recorrido à medecina durante muito tempo sem resultado algum, vindo na Voz de Fátima, que pessoa amiga me envia todos os meses, as grandes curas extraordinárias realizadas por intermédio da Virgem de Fátima, voltei-me para a Virgem do Rosário de Fátima pedindo-lhe para me libertar desse horrível sofrimento, já tão velho, embora eu desse beneficio não merecesse devido à minha grande ingratidão para com seu amantíssimo Filho, Jesus Cristo.

No mês de Junho de 1927 abandonei por completo a medecina e lancei-me nos braços da Virgem de Fátima. Com grande espanto meu no dia seguinte já me sentia menor e decorridos três dias achava-me completamente curado. Em vista de tão grande beneficio não pude deixar de testemunhar à Santíssima Virgem o meu humilde e pobre reconhecimento indo pessoalmente no dia 13 de agosto deste ano pela primeira vez, à Cova da Iria agradecer à Virgem de Fátima a minha cura que considero um grande milagre.»

### Caso frequente

— «Em que estás tu a pensar? A esta pergunta da esposa, respondia em geral o doutor amavelmente:

— ... em ti... Uma noite, porém, demorou a resposta; o doutor entreteve-se alguns momentos a remexer a sôpa demasiado quente, e por fim, sem sequer levantar os olhos do prato, saíu-se com esta:

— «Estou a pensar que sou um estúpido rematado.

— Ora essa... e porque? — E' que me deixei estupidamente enganar por uma miserável toupeira, que não merece outro nome, essa velhaca de mulher que assim comprometeu a minha fama.

— Mas quem!? Uma tal Rosa Não-sei-quê.

— «Emprestaste-lhe algum dinheiro talvez...?

— Qual dinheiro...! se fôsse isso... Dei-lhe mas foi um atestado médico.

— E daí? — Uma brincadeira... vai-me pôr em ridículo diante do mundo inteiro.

A esposa fitou demoradamente o marido sem saber se elle estava gracejando ou se falava a sério...

Era o doutor baixote, magro, sêco, e costumava andar muito teso e direito para não perder nem uma pologada da sua estatura, o que lhe dava certo ar de rigidez. Mas agora, mais que rígido, estava ríspido e furioso.

— E logo havia de ser aquela mulher, prosseguiu elle num gesto de impaciência e despeito.

— Sabes que mais! Não sou capaz de perceber nada na tua história.

— Pois é bem simples... e lá do teu gôsto, porque se trata de peregrinações e devoções.

— Vamos lá então a vêr, explica-te.

O doutor levou à bôca a última colher de sôpa; ainda perseguiu no prato uns grumos de tapioca que lhe queriam fugir à colher, limpou meticulosamente o bígode e explicou-se:

— Tu bem sabes que tenho por principio não passar absolutamente a ninguém atestados para Fátima.

— Bem o sei; e confesso-te que ainda não compreendi o motivo desse procedimento.

— Há tantas coisas por esse mundo que não comprehendes...

— Muito obrigada...

— Mas vamos ao caso: havia cinco meses que eu tratava essa tal Rosa, aliás sem nenhum êxito, de uma grave inflamação do piloro que lhe tornava a digestão difficilissima. Aquilo era regular como um relógio: a mínima refeição causava-lhe dores atrozes, contra as quais todo o remédio era inútil.

«Ora aqui há coisa de seis semanas, encontrando-se já minada pela tuberculose, pediu-me à queima roupa, com aquele seu ar de inocência, um atestado em que desse conta da sua doença.

«Dei-lhe logo, perusadido que seria para conseguir entrada nalgum sanatório de incuráveis ou para alcançar algum subsídio. Surpreendeu-me contudo a alegria com que ella o recebeu. E vai hoje, que me havia de trazer sete telegramas? que vou eu encontrar logo na primeira página do jornal?

— Que se curou em Fátima — interrompeu a esposa.

— «Então já o sabes?

— Não, mas a conclusão é bem fácil.

— Ah! sim? Parece-te isso?!

— E' claro. Durante seis meses trata a doente sem conseguires sequer ao menos aliviar-lhe os padecimentos... acho muito natural que ella vá a Fátima tentar a cura.

— Mas então que nao me pedisse o atestado médico.

— E' que precisava d'êlo.

— «E que tenho eu que vêr com isso?!

«E se eu não estou para confirmar com a minha autoridade uma coisa que a minha razão não aprova? — e ao dizer estas palavras o médico, no auge da exaltação, impertigou-se na cadeira, como se tivesse engolido naquele instante uma bengala de pau santo.

Seguiu-se um compasso de espera, como se a esposa, antes de continuar, deixasse primeiro acalmar o entimento de compaixão que nella despertara a frase orgulhosa do marido.

Depois voltou à carga:

— «Mas afinal sempre acreditava que a tal doente esteja curada, ou não?

— Os médicos de lá dizem que sim; e um enfermeiro até afirma que a viu comer filhós sentada na relva, o que, segundo o seu estado ordinário, lhe devia causar a morte.

— Então, olha: cada vez te comprehendo menos; porque afinal como médico até devias regosijar-te com a cura da tua doente!

— Que se cure embora, quantas vezes quiser, mas sem a minha assinatura.

— «Mas que mal lhe faz a tua assinatura?

— Já to disse.

— Mas bem vêes que a tua explicação não te deixa lá muito bem parado; procedes como se tivesses mêdo à luz. Tu reconheces que em Fátima há qualquer coisa superior às tuas forças e em vez de cederes ou ao menos de estudares o caso pões os pé à parede, recusas-te a dar um simples papel. «E achas isso bonito... digno dessa sciência cujo nome pronuncias com uma ênfase pouco menos que ridícula!?

— Acho prudente, e basta-me.

— Ah! sim, já comprehendo. A que tu exerces é a medicina oportunista... sempre mais rendosa e mais fácil também do que a medicina scientifica e do que verificar os factos de Fátima.

— Mas tu estás a sonhar. «Eu ir a Fátima?

— «E porque não? E' inegável que se dão em Fátima curas extraordinárias, alheias a tôda a sugestão e influencia nervosa; até me parecia natural, que tu, cujo officio é curar doentes, te interessasses por essas curas, tanto mais que algumas se deram já à tua vista... entre os teus clientes. Pois não foste tu expressamente procurar por ti mesmo umas águas qu te parecia convirem a um teu cliente?

— E até conservo para aí com as demais a análise dessa tua água de Fátima.

— «E que tal?

— Nada, é água pura.

— Pois então ainda é mais extraordinário. «Como opera ella tantas curas?

— Diz lá o que queres; a Fátima é que eu não vou.

— Mas porquê? — Ora porquê...?!... E o doutor levantou-se exasperado. Até causava dó ver o médico, aliás intelligente, passear freneticamente pela sala sacudindo o guardanapo, sem saber que dizer, agitando-se como um epiléptico... e responder áquella pergunta clara e serena de sua esposa... — Ora, porquê... pois... por isso mesmo!! E tu bem sabes... Olha, ponto final... neste assunto nem mais pio... hein!?

(Imitado de Pierre L'Ermite).

## Fatal simpatia

— Sabe? Contava-me um padre meu amigo, intelligente lúcida, espirito profundamente observador.

— Sabe? Vi hoje uma coisa que me impressionou vivamente, na Fátima.

— O quê? Conte.

— Tinham acabado os trabalhos no Santuário. Acabara a recitação do meu Breviário. Tomara alguma coisa á pressa e já a correr despedi-me da imagem de N. Senhora.

Subi a grande avenida. No fundo havia aquêlo formigueiro humano de doentes devotos curiosos, ricos e pobres naquella variedade única e encantadora que se nota na Fátima.

— Mas foi isso afinal o que o impressionou?

— Não. E coisa de cada dia 13; já não faz impressão.

Ao sair do portão grande comecei as diligencias a vêr se encontrava camionete que me conduzisse e, graças a Deus como de costume lá appareceu uma em que tomei lugar.

Seguim comigo várias pessoas com as quais fui conversando sobre as impressões que levavam de Fátima.

Havia porém um pobre homem com quem se não podia falar.

Bebera de mais e ia num estado lastimoso.

La também quasi a meu lado uma senhora e uma creancita de 4 a 5 anos viva mas duma simplicidade, duma ingenuidade enorme.

E não sei porquê começa a creancita a correr para junto do bebedo que lhe correspondia num sorriso bestial e procurava collocá-la sobre os joelhos.

Iamos já a caminho naquella ingreme ladeira que da Fátima desce para Ourem. De vez em quando numa curva mais rápida sentiamos-nos sacudir vivamente.

A conversa quasi tinha parado e a maior parte iam embebidos a contemplar a paisagem singular que a serra e o vale nos dão no admiravel e harmónico conjunto da penedia tosca da serra a casar-se com fundos barrancos á placidez da campina entre um maravilhoso fundo que o céu azul e a verde folhagem amorosamente lhe formam.

De repente a mãe sobresaltada dá com os olhos no filho que num momento podia saltar-lhe a distancia, arranca-o dos braços do bebedo e aperta-o ao seio arfante.

A creança ficou espantada porque, sem vêr o perigo gozava do espectáculo raro que a feia embriaguêz lhe dava naquele homem.

E mais duma vez fez geito de voltar para junto dele.

Não o conseguiu porém porque a mãe o prendia cautelosamente contra a sedução estúpida que nele exercia o riso bruto daquele homem. Disfarçadamente fui observando tudo aquilo.

Não sei bem porquê fêz-me uma impressão grande.

A loucura lo homem, o amor da mãe, a imprudência da criança formaram diante da minha fantasia um grupo indissolúvel e forte.

Deixei cair a cabeça sobre a mão direita e quedei-me a pensar em tudo aquilo.

Parecia-me um símbolo. Julguei ver por momentos naquele bebedo a embriaguêz da impiedade, da anarquia, da revolução, do anti-clericalismo em permanente labor de conquista, de sedução; na criancita inconsciente — Portugal, na senhora, mãe disvelada e extremosa a nossa querida Mãe e Rainha de Portugal.

Que lhe parece? — Ah! Uma linda criação poética sobre uma triste realidade histórica.

E' assim mesmo.

— Sim, que na verdade Nossa Senhora

tem sido sempre para nós de extremos tais que só nós podemos chamar à nossa terra — Terra de Santa Maria.

Mas não é menos verdade que, apesar disso, Portugal, se tem tido lances sublimes de devoção e exaltado amor à Virgem, não tem deixado de, em certos momentos parecer tomado de funda e irreprimível loucura que o afasta do culto da sua Rainha, Senhora, Mãe e Protectora para ingratamente votar amor e dedicação a quem a elle o diminue e a Ela a desonra e infama.

Veja. Era Portugal débil infante, dava ainda os primeiros passos na vida e já a Virgem o ajudava e defendia e lhe robustecia o braço que se ia descarregar furioso e pesado sobre o Mouro invasor e inimigo da Pátria e de Deus.

Novos perigos ameaçam com o domínio de Castela a integridade e independência nacional e Nossa Senhora alcança o milagre de Aljubarrota pelo génio de Nun'Alvares e valor dos soldados, ardentes devotos seus.

O triunfo do Salado inspirou-o Ela e foi Ela também que deu a vitória à nossa marinha unida à de Espanha em Lepanto na grande luta contra o Levante.

Na epopeia sublime das Descobertas lá vai a imagem da Virgem nas caravelas e o seu favor na alma dos Portuguezes de antanho.

E agora depois de em 1640 nos dar de novo a independência vem até nós por nos subir até Deus.

Veja que amor, que disvelos, que extremos carinhos?

— Ah sim, a Fátima é o último passo do amor de Mãe.

— E'. Mais ainda. E' verdadeiramente a ressurreição dum morto.

Porque se civil, política, economicamente todos nos tinham, e nós próprios nos tínhamos, por moribundos religiosamente estávamos de facto mortos.

E Nossa Senhora veio dar-nos alento, desentorpecer este corpo, fazer outra vez passar nele um intensíssimo frémito de vida.

— Parece-me na verdade que não sabemos apreciar devidamente o amor da Virgem Santíssima por Portugal.

— Ah! meu caro Padre, a correspondência de Portugal a este amor foi grande, esmoreceu, desapareceu e ressurgiu agora. Urge fomentá-la.

— Como?

— A nossa terra está cheia de capelas igrejas — monumentos da devoção dos nossos maiores.

— Quere então que vamos construir mais igrejas e capelas?

— Não. A correspondência da parte do indivíduo, da parte de cada um de nós há-de ser alguma coisa de mais alto, de mais nobre, bem vê.

Os feitos heroicos que esmaltando a nossa história eram o fruto da chama intensa que ia nas almas — êsses é que temos de reproduzir.

E se eles saíam de homens em quem a devoção à Virgem era uma verdadeira paixão, como em Nun'Alvares, temos de acender nas almas essa mesma chama que leva os Portuguezes de hoje a uma entrega absoluta de si mesmos a Deus, à Virgem e à Pátria.

Querem-se dedicações que sirvam no próximo o próprio Jesus Cristo Nosso Senhor.

Querem-se imolações que aplaquem a Justiça de Deus pelos crimes da Nação e dos Individuos.

Querem-se heroísmos que levem o nome e o amor de Deus às plagas inóspitas da África onde tanto preto à sombra da bandeira das quinias espera a semente divina do Evangelho.

Quere-se sobretudo o reinado social e individual de Cristo que nos afaste da tremenda união com o socialismo, o indiferentismo, o espiritismo, a anarquia e outros inimigos que nos querem seduzir.

Mas... confiança que Maria vela por nós e Portugal será salvo pela devoção à Virgem.

## Imolação Salvadora

Um menino ia fazer a sua primeira comunhão, muito bem preparado pelo Rev.º P.e Matéo, que ainda há pouco percorreu a nossa pátria prégando o amor a Jesus Cristo.

Andava alegre essa criança, mas havia uma coisa que o preocupava: o pai não tinha fé.

Resolveu o menino dedicar-se à conversão do pai. Para isso, com a aprovação do Padre, escreveu um compromisso pelo

qual se obrigava a comungar todos os dias e oferecer as comunhões por esta intenção.

O Padre e o menino de joelhos, assinaram o solene compromisso.

Durante dois anos a criança cumpriu o que prometera. Nem um só dia deixara de ir à Igreja, embora fôsse longe.

Falta à missa do costume, e o P.e Matéo ao terceiro dia da ausência, telefona para casa do rapazito a pedir notícias. Respondem-lhe que está gravemente doente. O Padre Matéo vai visitá-lo, e sabe ali que a criança está desenganada dos médicos.

Quási a morrer, o menino dirige a Jesus esta súplica: *Jesus, comunguei durante dois anos, todos os dias, pela conversão do meu pai, e elle continua afastado de Vós, Senhor, ouvi-me! Converti o meu pai.*

Nisto entra o incrédulo no quarto, e o filho conta-lhe o grande segredo: *Há dois anos que comungo todos os dias para obter a graça da sua conversão, e o meu pai ainda não se aproximou de Deus.*

Tem a criança os olhos fitos nos olhos do pai, procura descobrir neles um lampejo salvador.

O pai inclina-se para o filho e diz-lhe: não te canses, meu amor, não estejas a afligir-te, conserva-te sosegado.

Mas o pequenito apóstolo não desiste, é preciso converter o pai.

Com as mãos trémulas, pega no livro de orações que tem à cabeceira. Abre-o, e tira dali o papel onde está escrito o pacto solene que há dois anos ali guarda com cuidado.

Dá-o ao pai, que o começa a ler. O incrédulo comove-se. Duas grossas lágrimas brotam dos olhos para imediatamente deslisarem pelas faces.

A graça toca-o, converte-se, confessa-se. No dia seguinte, no quarto do doente, o pai fazia a sua primeira comunhão e o filho fazia a última, pois morrera nesse dia.

*E' linda a história?*

*Vêde como Deus ouve as orações dos pequeninos. Talvez na vossa família haja alguém que não tenha fé. Rezai e comungai por elle, Jesus ha de convertê-lo.*

## Voz da Fátima

### Despêsa

Transporte...	172.089\$90
Papel, composição e impressão do n.º 84 (52.800 exemplares)...	2.933\$00
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, etc.....	953\$70
	175. 976\$60

### Subscrição

(Maio de 1928)

Enviaram dez escudos para terem o direito de receber o jornal durante um ano:

Adelaide Soares Graça, Manuel da Silva Lopes, Palmira Valente, Georgina Pizarro, José Pereira de Amorim Mendes, Maria de Abreu Valença, Ana do Espírito Santo Torres, Laura das Dôres Fernandes, Lucia Revocata de Matos Coelho, José António Bebianno de Matos Coelho, Candida Neves dos Reis, José Maria Teixeira Fanzeres (50\$00), António Proença Viegas (30\$00), Conde de Agrolongo (30\$00), Manuel Fernandes da Silva Lage (20\$00), Ana da Conceição Neves (25\$00), Olimpia L. de Carvalho, Maria da Conceição Domingos Ferreira, Maria José (12\$50), José Fernandes de Almeida, Sebastião Rodrigues Correia, José Rodrigues, Maria Perpetua Seixas Vidal Patrício (20\$00), José Martins da Cunha Viana (25\$00), Maria da Conceição Veneno Fonseca, Manuel Caetano (15\$00), Hermano Leça da Veiga, Eugénia Barroso (15\$00), Homero Gomes, Maria Patrício (20\$00); Maria do Céu S. Nunes (20\$00), José Barbosa Leão (20\$00), António Cêrca (12\$50), João Arnaldo Calheiros Cruz, Carlos Augusto Gonçalves, Francisco Calheiros de Abreu, Leopoldina Leite Loureiro, Domingos António Pinho de Saldanha, Abilio Bandeira Dias (15\$00), Manuel Lopes Martins Albuquerque, António Ferreira do Nascimento, Maria da Piedade Cardoso, Dr. António Pereira de Figueiredo, José Mendes de Matos (30\$00), Manuel Joaquim Barros (20\$00), José Augusto Rodrigues de Almeida, José Simões

Ladeira, Luis Nunes Afonso, Manuel Ribau Novo, António Duarte Ferrão, Manuel da Silva Matias, Manuel de Oliveira Estudante (20\$00), José Ferreira Teodoro, Manuel António Fernandes, Aurora Flôres, Antonia Rosa de Jesus, Eduardo Domingues Ribeiro, José Friães (15\$00), Inácia Macêdo, Perpetua Macêdo, Inácia de Jesus Macêdo Oliveira, João da Silva Videira, António Ferreira da Silva, José António Rodrigues de Faria, José da Costa Cruzeiro, Serafim Madeiras, José Augusto da Silva, Malvina Teixeira, Francisco Mayer Pereira de Campos, Isaura Lopes Pereira Moutinho, Aurora Oliveira Assunção, Ester de Almeida Gomes, António Pires, José Maria Mendes Travassos, Laurinda de Souza (30\$00), Maria Almeida, Marcelino António (16\$00), Maria de Menezes Taveira, Maria do Carmo Lencastre, Maria Candida Correia Diniz da Fonseca, Miquelina Correia, Luís Filipe, Rosa Dias Costa, Francisco Mendes (30\$00), Joaquim Rangel, Maria Gonzaga de Abreu Fonseca (20\$00), Maria da Assumpção Cunha, P.e José Francisco Conde (60\$00), Viscondessa de Ervedal da Beira, Eduardo da Silva Amado, Candida Gaspar, Alda Pires Gonçalves (20\$00); Amélia Machado Martins (20\$00), Maria Francisca Torres de Avelar, P.e Luís da Conceição Torres, P.e Manuel Alves, Raquel da Costa Cardoso (20\$00), Albertina Torres, Viscondessa Sanches de Baena, Maria da Luz de Almeida e Napoles, Ermelinda Simões, Julia Nunes (20\$00), Baronesa de Samora Correia (50\$00), Irene Rosa, Maria Camilo, Caetana R. da S. Ferraz.

Donativos vários e de jornais avulso: Francisco de Paiva Boleo, 20\$00; Igreja paroquial de S. Tiago e S. Martinho, 100\$00; Artur de Almeida Leitão, 80\$00; Teresa Forte, 50\$00; P.e David Fernandes Coelho, 105\$00; Josefa de Jesus, 11\$60; Anónima de Pedrouços, 125\$70; Maria do Carmo Pereira, 22\$50; Joana Serena e vários de Ilhavo, 100\$00; Menina Maria Amélia Guimarães, 15\$10 José Luís, de Macau, 28\$83; Ana Barbosa da Silva Reis, 31\$75; Manuel Lopes Dias, 12\$60; Maria Alice das Dôres Silva Almeida, 50\$00; Ana da Conceição Neves, 50\$00; Julia Dias F. Coimbra, 15\$00; Julio António de Assis, de Macau, 46\$00; P.e Agostinho Martinho Vieira, de Cabo Verde, 400\$00; Aida de Aguiar Ferraz, 66\$00; Carmina Vieira, 48\$00; Leopoldina Ferreira, 42\$10; Manuel F. Bezerra, da California, 4 dolares e meio, Ilda Pontes, de Tete, 33\$50, P.e Luís Melo, 80\$00.

Na Igreja de S. Tiago de Cezimbra, pela Ex.ma Snr.ª D. Gertrudes do Carmo Pinto, nos meses de Julho e Agosto de 1929 ... 70\$00

Na Igreja do S.S. Coração de Jesus, pela Ex.ma Snr.ª D. Maria Matilde da Cunha Xavier, no mês de Agosto de 1929 ... 31\$55

## A maior das riquezas

Uma manhã linda de primavera. Um jovem pastor apascentava o seu rebanho. Era tão alegre, que passava a vida a cantar e a saltar.

O Rei passara junto d'ele, e vendo-o tão alegre, perguntou-lhe:

— Porque estás tão alegre?

O pastorinho não sabendo a quem falava, respondeu:

— Porque não hei de estar contente? O nosso Rei não é mais rico do que eu.

— Quais são as tuas riquezas?

— O pastor então começa a falar:

Este lindo céu azul com as suas nuvens de prata e aquele sol com os seus raios formosos, brilham tão alegremente para mim como para o Rei.

Adornam-se as montanhas e os vales de flores, tanto para mim como para elle. Vêde as minhas mãos? Não as daria por muitos contos de réis. Vêdes os meus olhos? Pois todas as riquezas do nosso monarca não nos pagariam.

Além disto tenho tudo o que me é preciso e posso desejar.

Cada dia como o suficiente para viver; ando vestido convenientemente, recebo anualmente pelo meu trabalho o dinheiro de que preciso. Dizem-me agora se o nosso soberano é mais rico do que eu.

O Rei sorriu-se, e dera-se a conhecer.

— Tens razão, e podes dizer que o teu Rei ta deu também.

A alegria e a paz de uma boa consciência excedem todas as riquezas deste mundo.

## ASSIM MESMO

Há tempo um jornal americano prometeu um prémio àquele dos seus leitores que desse a melhor resposta a esta simples pergunta:

*Que havemos de fazer das nossas filhas?*

A resposta premiada foi a seguinte: «Façamo-las acima de tudo cristãs. Dêmos-lhe uma boa instrução elementar.

Ensinemos-lhe depois a preparar convenientemente uma refeição, a lavar, a passar a roupa, a remendar os vestidos e a transformá-los e as meias, a talhar e a cosê-los.

Que elas se lembrem que uma boa cozinha poupa muitas despezas, com médicos e farmácia.

Dizei a vossos filhos que uma peça de dez tostões tem cem centavos e se se não sabe economisar um centavo em pouco tempo está o escudo no fim.

Dizei-lhe que poupar é gastar menos do que se ganha e que faça conta com a miséria o que gasta mais do que recebe.

Recordai a vossas filhas que uma operária honesta é cem vezes mais estimável, ainda que nao tivesse senão um centavo, do que uma dúzia de raparigas vaidosas, pretenciosas e imbecis.

Frisai-lhes bem que um vestido de algodão pago veste e enfeita melhor do que um vestido de seda por pagar.

Ensinai-lhes a amar as flôres e em geral, todas as obras de Deus.

Quando chegar o tempo do seu casamento persuadi-lhes que a felicidade na sua casa não virá da fortuna ou da situação do seu marido mas das suas qualidades morais e do seu caracter».

## Uma comunhão

Falando da sua 1.ª Comunhão, escreve Santa Teresinha do Menino Jesus:—Que doçura a do primeiro ósculo de Jesus à minha alma! Sim, foi um ósculo de amor. Eu sentia-me amada e correspondia dizendo: «Amo-vos, dou-me a vós para sempre!» Jesus não me pediu nada. Já há muito que Ele e a Teresinha se haviam entrelhado e compreendido... Neste dia o nosso encontro não se podia dizer simples vista, foi uma fusão. Já não eramos dois: Teresa tinha desaparecido como gota de água no meio do Oceano, ficava só Jesus; elle era o Mestre, o Rei!... A minha alegria foi tamanha que a não pude conter: inundaram-me lágrimas deliciosas...

## Boa Lição

Um mouro africano tinha em sua casa, prisioneiro, um official francês que insultava a cada momento mimoseando-o com o nome de cão.

Indignado o official, certo dia ao ver-se injuriado daquela maneira perguntou ao maometano:

— Porque me insultas continuamente chamando-me cão? Que razão tens para tratar-me assim?

— Há um mês que estás em minha casa e durante este tempo ainda te não vi orar uma só vez; por isso te chamo cão, e menos que um cão és tu, porque ao menos este animal conhece o amo que o sustenta, e tu não conheces o Deus que te criou.

O official baixou a cabeça cheio de vergonha.

## Uma ambição legítima

Quando Alexandre Magno, às caladas da noite, contemplava o céu estrelado, punha-se a chorar. Todos os reinos que conquistára não o satisfaziam, e desesperava-se por não poder conquistar também as estrelas.

Não tem limites a ambição humana. O rico quer ajuntar cada vez mais dinheiro, o poderoso quer galgar sempre mais altas posições; o festejado quer celebrar sempre novos triunfos. O facto de o homem querer sempre mais, prova que estas coisas não podem satisfazê-lo.

Há, porém, uma ambição lícita e louvável, que o homem deve sustentar e que o satisfará plenamente: é a ambição de ganhar o céu, onde a sua felicidade será completa e eterna.